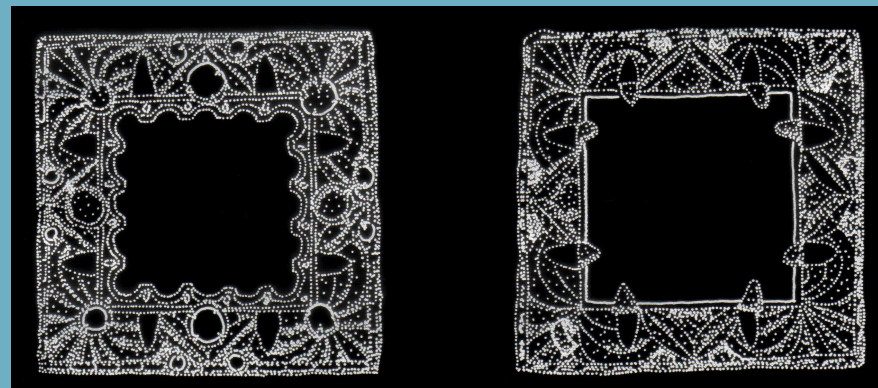


ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Metal artefacts of Castelo Branco castle
(Castelo Branco, Portugal)

Carlos Boavida



Vila Velha de Ródão, 2011

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (PORTUGAL)

Metal artefacts of Castelo Branco castle (Castelo Branco, Portugal)

Carlos Boavida¹

Palavras-chave: objectos de ferro e cobre, Medieval, Moderno.

Keywords: iron and copper objects, Medieval, Modern.

Resumo

Durante os trabalhos arqueológicos realizados no castelo de Castelo Branco, entre 1979/1984 e em 2000, recolheu-se numeroso espólio, recentemente estudado no âmbito da dissertação de Mestrado em Arqueologia do signatário.

Além das usuais cerâmicas, foram recuperados objectos em vidro, osso, azeviche e cabedal, juntamente com numismas, estelas funerárias e restos de fauna mamalógica. De todo o acervo destaca-se ainda, um diversificado conjunto de objectos metálicos, onde se incluem objectos de uso doméstico, acessórios de vestuário, pequenas jóias e elementos de mobiliário, entre outros.

¹ Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) das universidades Nova de Lisboa e do Algarve; Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Abstract

In the archaeological excavations in the castle of Castelo Branco, between 1979-1984 and 2000, numerous artefacts were recovered. They are the object of this writer's Master dissertation.

In addition to common ceramics, the artefacts included glass, bone, jet and leather items, coins, tombstones and mammalian remains. There were also varied metal objects, including household items, clothing accessories, small jewels, metal pieces used in furniture, among others.

1. Contextualização Histórica/Enquadramento

Embora existam vestígios da presença humana anteriores à Reconquista Cristã (Proença, 1903 e 1910; Garcia, 1979, Caninas, 1979; Garcia e Leitão, 1982; Leitão, 1985 e 1994; Salvado, 1980 e 1982; Vilaça, 1995; Farinha, Pinto e Vilaça, 1996; Ferreira, 2004), pouco se sabe sobre o passado da região onde foi fundada a cidade de Castelo Branco.

Nas proximidades do local, ao que tudo indica, estaria a intercepção de dois caminhos secundários à via romana que ligava Emérita a Bracara Augusta (Alarcão, 2002, pp. 102-104; Marques, 1993, pp. 168-170), o que terá levado à construção de uma torre de vigilância no alto do cerro da Cardoso (Almeida, 1945, pp. 397-398), existindo então uma pequena comunidade no vale entre esta e o Monte de São Martinho (Proença, 1903 e 1910; Ferreira, 2004).

Devido ao aumento da insegurança no final do Império Romano, as comunidades rurais refugiaram-se em locais com maiores facilidades de defesa, como terá sucedido na Cardoso. Entretanto, a difusão do Cristianismo na Península Ibérica estava bastante avançada, tendo surgido diversos templos junto das comunidades rurais (Cardoso, 1940, pp. 11-12). Durante a ocupação visigótica, este território talvez estivesse integrado na paróquia Francos, dependente da diocese egitaniense, embora se desconheça se a comunidade aqui existente seria a sede da mesma (Alarcão e Imperial, 1996, p. 43).

Ao longo da Idade Média houve uma manutenção das vias de comunicação, surgindo também em época islâmica, um percurso ao longo do rio Tejo, associado aos almocreves (Marques, 1996, pp. 487-

492). Visto que as comunidades magrebina que colonizaram a região eram pouco islamizadas e que se encontravam relativamente afastadas do poder central, verificou-se uma certa autonomia das populações locais, não havendo grande repressão em relação à sua religiosidade (Cardoso, 1953, pp. 24-25), facto também evidenciado pelo toponímia de origem moçárabe existente na região (Marques, 1993, pp. 138-143 e 192-205; Real, 1995, p. 42).

Em 1165, D. Afonso Henriques doou à Ordem do Templo o termo da Egitânia, que correspondia em grande parte ao território da sua diocese (Oliveira, 2003, p. 207; Nunes, 2002, p. 21; Capelo, 2007, pp. 181-182). No entanto, os templários só tomaram posse do terreno onde hoje se encontra Castelo Branco, em 1214, após a doação do mesmo pelo donatário da povoação existente na Granja do Castelo, Vila Franca da Cardosa, Fernão Sanches, que deixou em testamento a alcaidaria daquela aos cavaleiros (Branco, 1961, p. 1; Oliveira, 2003, p. 16). Na encosta norte, na Granja de Mércules, existia outra povoação, Moncarche, que terá começado a prosperar após o domínio templário (Martins, 1979^A, p. 7; Duarte, 1996, p. 59). Estas duas granjas integravam a Herdade da Cardosa, cuja doação foi confirmada naquele ano por D. Afonso II. Assim, em 1215, D. Pedro Alvito, Mestre da

Ordem, deu foral a Castelo Branco de Moncarchino (Martins, 1979^A, p. 7; Duarte, 1996, pp. 59-62; Capelo, 2007, pp. 193-195).

Os templários rapidamente ergueram um castelo com a sua muralha, onde instalaram a sede da Ordem até à sua extinção em 1314 (Branco, 1961, p. 2; Oliveira, 2003, p. 32). No interior da fortaleza construíram a residência para os alcaides, comendadores da Ordem e também a Igreja de Santa Maria, eventualmente no local onde já existira um templo de origem moçárabe (Cardoso, 1953, pp. 24-25). Em torno desta e nas ruas superiores do burgo tinha lugar o mercado (como evidencia a toponímia urbana ainda hoje existente no acesso ao castelo – Rua do Mercado), estando a medida do concelho gravada no ombral da porta lateral do templo (Oliveira, 2003, p. 30).

Ao longo daqueles anos a vila prosperou, o que levou D. Afonso IV a ordenar a ampliação das suas muralhas para assim proteger a população que entretanto se fixara em redor do castelo (Gonçalves, 1965, pp. 6-8). Essas muralhas ficaram então com um total de sete portas. A torre de menagem poligonal que surge no livro de Duarte d'Armas pode ter sido uma consequência também dessa reestruturação,

substituindo a antiga torre de vigilância, por essa altura provavelmente muito alterada (Boavida, 2009, pp. 94-95).

Por volta de 1490, o futuro D. Manuel I, enquanto Grão-Mestre da Ordem de Cristo, mandou construir a barbacã (Gomes, 2001, p. 69) e terá levado a efeito uma série de beneficiações no Palácio dos Alcaldes.

Nessa altura verificou-se um novo aumento populacional em Castelo Branco, devido à expulsão de judeus e mouriscos de Castela em 1493, que se instalaram em diversas localidades ao longo da raia. Em 1498 foi imposta a essas comunidades a conversão ao Cristianismo para evitar a sua expulsão do reino (Dias, 1998, pp. 48-49).

O mercado teria então lugar na Praça Velha, onde após a outorga de um novo foral pelo rei D. Manuel em 1510, foi erguido o pelourinho. Esta praça era ladeada pela Casa da Câmara, a Casa do Bispo da Guarda e o Celeiro da Ordem de Cristo.

No âmbito da reorganização administrativa do reino em 1532/36, Castelo Branco tornou-se cabeça de comarca e foi elevada a vila notável por D. João III (Dias, 1998, p. 35). No exterior das muralhas iam

surgindo novos arrabaldes, normalmente associados a edifícios religiosos ou ofícios profissionais.

Embora a vila tenha sido alvo de diversos ataques e pilhagens, em particular na fortaleza, devido aos conflitos militares em que o país se envolveu durante os séculos XVII-XVIII (Restauração – 1646/48, Sucessão Espanhola – 1704 e Sete Anos – 1762) (Oliveira, 2003, p. 31), esta não perdeu a sua importância estratégica. Numa nova reorganização administrativa e religiosa do país, Castelo Branco foi elevada a cidade, sede de diocese por D. José, em 1770/71.

Durante a I Invasão Francesa (1807), a cidade foi saqueada durante a primeira escala em Portugal das tropas de Junot. A alcáçova foi grandemente afectada, nomeadamente a Igreja de Santa Maria. A sede da paróquia que aí se mantinha foi transferida para a Igreja de São Miguel, uma igreja de origem templária, entretanto reformada, fora de portas, que era a Sé-Episcopal desde a criação da diocese

À Guerra Peninsular, seguiu-se a Guerra Civil, da qual saiu vencedor o Liberalismo, tendo sido promovida a destruição de toda a simbologia associada ao poder absolutista anteriormente vigente. Assim foram progressivamente desmontados o castelo, o palácio e as muralhas da

vila. A mesma realidade terá afectado o pelourinho (Dias, 1935, pp. 39-42).

Com o fim das Ordens Religiosas em 1834 foram desactivados diversos edifícios religiosos que foram sendo também demolidos. A situação agravou-se com a extinção da diocese em 1881, por breve apostólico do papa Leão XIII (Oliveira, 2003, pp. 42-50) e mais tarde, na I República, com a separação da Igreja do Estado.

Do castelo restam duas torres unidas por um pano de muralha, resultado de uma reconstrução em meados do século XX e a entrada no pátio do Palácio dos Alcaides. Junto dela, sobre um aterro feito em 1867, na área do palácio, foi construída uma escola, hoje desactivada. A Igreja de Santa Maria, totalmente descaracterizada, domina o imenso espaço, onde ao seu redor um dia se ergueu a grandiosa fortaleza templária.

2. Arqueologia no Castelo de Castelo Branco²

Embora alguns autores considerem que a fixação de comunidades humanas no cerro da Cardosa tenha origem romana, ou até mesmo anterior, são poucas as evidências desse facto, apesar de se terem ali verificado alguns achados, dentro dessa cronologia ao longo do último século (Garcia, 1979, pp. 99-100; Ponte, 1986, pp. 37-38, Simões, 1986, pp. 150-151; Leitão, 1994, p. 27).

No entanto, é só em Fevereiro de 1979, devido a um aluimento em consequência de um temporal, que se verifica a exposição de espólio medieval e moderno no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo, em plena alcáçova albicastrense, despertando assim a atenção da população e entidades locais para o castelo templário da cidade como sítio arqueológico.

Após análise preliminar por parte da edilidade, com o apoio do Museu Francisco Tavares Proença Júnior³, a área foi aterrada, evitando assim

² Cf. Processo n.º 263 – *Castelo de Castelo Branco* do Arquivo de Arqueologia do IGESPAR. São apenas referidos os trabalhos arqueológicos de 1979/84 e 2000, durante os quais foi recolhido o espólio agora apresentado, embora no processo constem informações sobre os trabalhos preventivos que tiveram lugar no âmbito do POLIS em 2008/09. Não há quaisquer referências a trabalhos ou achados ocorridos em data anterior a 1979.

eventuais pilhagens (Martins, 1979^B, p. 1). Entretanto foi preparada uma intervenção arqueológica, que após alguns atrasos logísticos, se iniciou em Setembro daquele ano, decorrendo no verão, ao longo dos anos seguintes, até 1984. Os trabalhos foram coordenados por João Henriques Ribeiro, à época director da Casa da Cultura, apoiado por técnicos camarários e diversos voluntários.

As escavações tinham como principal objectivo averiguar o que acontecera para provocar o aluimento (Q.118) e o porquê da presença de tantos materiais. No entanto, a abertura dos quadrados contíguos, onde se identificaram diversas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, levou a uma reformulação do plano de trabalhos.

Assim, além da área do Q.118, considerou-se relevante o estudo da utilização daquele espaço como necrópole. Ao mesmo tempo, através da limpeza das paredes do templo e abertura de valas de sondagem ao longo das fachadas da igreja, tentou apurar-se os momentos construtivos daquele edifício.

Se por um lado na necrópole, além das sepulturas, foi colocada à vista uma calçada de circulação no local (que ligava à porta lateral da igreja), foi possível verificar que o edifício se encontra construído sobre o afloramento geológico regularizado e restos diversos de estruturas anteriores aqui existentes. Em frente à fachada principal foi identificado um grande muro, perpendicular àquela, ao qual se encontrava encostado um silhar afeiçoado e decorado. Este silhar poderá ter sido parte integrante de uma estrutura anterior, tendo sido depois reutilizado noutro local.

Na área periférica, a sul da igreja (actualmente ajardinada), foram abertas três valas de sondagem para avaliar o seu potencial arqueológico. Além de alguns negativos de assentamento de silharia sobre argamassa, pouco mais se encontrou, tendo sido considerado desnecessário manter esse sector em reserva. Numa dessas valas, no corte estratigráfico exposto, foram identificadas cinco camadas, resultado de eventuais terraplanagens que se teriam verificado durante a ocupação do local.

Foi recolhida uma grande diversidade de materiais, tendo sido os mais frágeis restaurados nos laboratórios do Instituto José de Figueiredo e do

³ Cf Carta datada de 7 de Junho de 1979; Processo n.º 263 – *Castelo de Castelo Branco* do Arquivo de Arqueologia do IGESPAR.

Museu Monográfico de Conímbriga, nomeadamente os objectos metálicos e os numismas. Nos primeiros anos foram dados à estampa alguns artigos com os resultados preliminares da intervenção (Ribeiro, 1984, 1985 e 1987).

Em 2000, Pedro Miguel Salvado e Sílvia Robalo Moreira, durante o acompanhamento arqueológico da instalação de um depósito de água por parte da edilidade, no perímetro do castelo, identificaram o derrube e o embasamento de um muro (talvez da muralha do castelo ou da barbacã que a precedia). Em associação com este, na área afectada pela obra – 48m², foram recolhidos diversos objectos cerâmicos e metálicos, que se consideraram ser resultado de um eventual escorrimento da área da necrópole intervencionada nos anos 80 (Salvado e Moreira, 2007).

3. Espólio (Boavida, no prelo)

Em Portugal são poucos os estudos sobre objectos metálicos de contextos medievais e modernos. A maior parte são pequenas

amostragens dos locais onde normalmente as cerâmicas são o grande destaque, visto ser relativamente mais fácil de lhes atribuir cronologia.

Na alcáçova albicastrense recolheu-se um conjunto cerâmico importante para o estudo das vivências quotidianas da actual cidade nos períodos referidos, uma vez que não existe nenhum trabalho de referência nessa área. Constituído maioritariamente por cerâmica fosca, as peças medievais são reflexo de produções na tradição islâmica ou, pelo menos, seguindo modelos almóadas tardios, notando-se também alguma influência moçárabe. Predominam as panelas, os potes e as bilhas, tal como sucede para a época moderna. Ao longo dessa verifica-se uma individualização do uso das peças como medida profilática, sendo mais frequentes à mesa, as taças, os pratos e os púcaros. Com excepção dos últimos, nota-se também a presença destas peças em cerâmica esmaltada a branco de estanho, inicialmente de produção castelhana e depois em faiança portuguesa.

Exemplares de cerâmica vidrada são muito escassos, destacando-se apenas um possível fundo de garrafa, de cronologia medieval, que poderá ser proveniente de oficinas francesas e um alquidar vidrado a verde já do período moderno.

Foi recuperada uma diversificada colecção de contas e outros pequenos artefactos em azeviche, osso e vidro, que poderão estar associados, na maioria, a objectos de carácter religioso e/ou profilático como terços e rosários. Digno de nota é igualmente um conjunto de peças de cabedal, quase todas provenientes de sapatos setecentistas, um deles praticamente completo.

Encontraram-se ainda, diversas estelas funerárias de cronologia medieval, vários vestígios de fauna mamalógica e uma amostra da realidade monetária existente ao longo da primeira e segunda dinastias portuguesas. Tratam-se apenas de numismas cunhados em cobre e bulhão, nomeadamente dinheiros e ceitis, existindo apenas um exemplar de prata do reinado de D. Manuel I. Foram recuperadas também três peças castelhanas, uma romana e um *jeton*.

4. Os Metais

Foram recolhidos 1409 objectos metálicos, tendo sido possível identificar a funcionalidade de 1377. Deste conjunto seleccionaram-se para estudo as peças mais significativas, de preferência completas ou

parcialmente completas. Entre as peças que não foram alvo de estudo pormenorizado estão vários blocos de escória que poderão eventualmente estar associados a alguma oficina de ferreiro, embora não existam quaisquer outros dados que sustentem esta hipótese.

Na análise que se segue optou-se por organizar as peças tendo em conta a sua função: uso doméstico, acessórios de vestuário, joalharia (que integra alguns objectos de cariz religioso), elementos de mobiliário e outros objectos.

Os alfinetes, as medalhas e os pregos, embora se integrem nos conjuntos referidos, devido à sua diversidade formal, são analisados separadamente no fim de cada subcapítulo. A designação da peça é acompanhada pelo número de exemplares recuperados quando superiores à unidade.

À excepção da lâmina de faca, da pega de caldeiro e das balas de canhão, que foram recuperadas durante a intervenção arqueológica preventiva de 2000, o restante espólio foi todo recolhido durante as escavações decorridas entre 1979 e 1984.

Lista de abreviaturas

A. – altura

A.g – altura do gancho

A.h – altura das hastes

A.p – altura do pé

C. – comprimento

C.c – comprimento das cadeias

C.d – comprimento do disco

C.fz – comprimento do fuzilhão

C.M – comprimento máximo

C.ml – comprimento da mola

C.tv – comprimento da travessa

Ø. - diâmetro

Ø.a – diâmetro da argola

Ø.c – diâmetro das contas

Ø.cb – diâmetro da cabeça

Ø.d – diâmetro do disco

Ø.M – diâmetro máximo

Ø.pd – diâmetro das pedras

Ø.pf – diâmetro da perfuração

E. – espessura

E.d – espessura do disco

E.fz – espessura do fuzilhão

E.md – espessura média

E.ml – espessura da mola

E.p – espessura do pé

E.pn – espessura do pino

E.sp – espessura do espigão

E.tv – espessura de travessa

Ex.M – eixo maior

L. – largura

L.bç – largura do braço

L.bd – largura da bordadura

L.d – largura do disco

L.fz – largura do fuzilhão

L.M – largura máxima

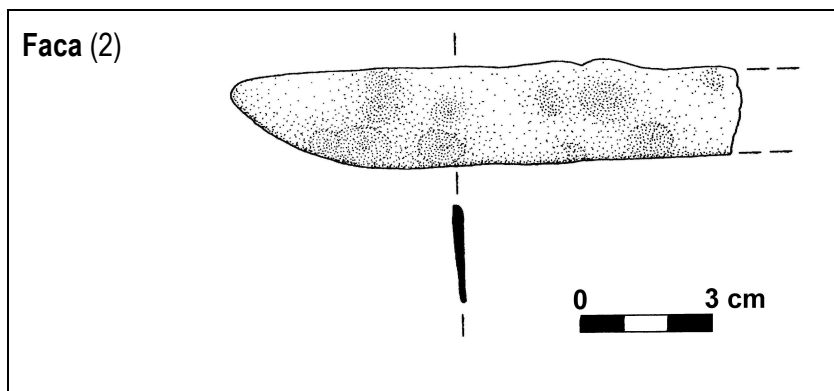
L.m – largura mínima

L.ml – comprimento de mola

L.p – largura do pé

P. - peso

4.1. Uso Doméstico



Fragmento de faca em ferro, correspondente à lâmina.

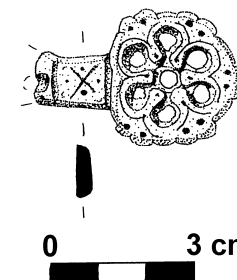
É constituída por folha metálica de formato sub-rectangular. Apresenta um gume e a extremidade distal arredondada.

Obs. Ambas as superfícies mostram vestígios de oxidação.

C.M 11,6 cm; L.M 2,2 cm; E.md 0,2 cm

Recolheram-se lâminas de faca semelhantes em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 188, fig. 76, n.º 2), Coimbra (Mourão, 2004, pp. 25 e 79, n.ºs 53 e 161) e Sintra (Amaro, 1992/93, p. 120, Est. XVI.2), onde são datadas do intervalo entre os séculos XIV-XVIII, conforme os casos.

Pintadeira



Fragmento de pintadeira em bronze.

A peça de perfil plano executada a molde é constituída por dois corpos. O maior tem forma sub-circular, em disco, com sete perfurações. O menor tem forma sub-quadrangular com arranque do palhetão. Ambos os corpos mostram decoração geométrica incisa.

Obs. A peça encontra-se restaurada.

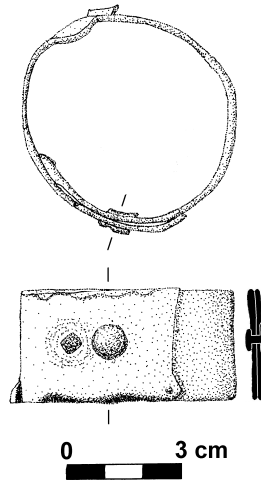
Ø.d 2,8 cm; C.M. 4,3 cm; L. 1-2,8 cm; E.md 0,3 cm; Ø.pf 0,4 cm

As pintadeiras são referidas por Abel Viana para marcar bolos e pães que eram cozidos em fornos comunitários, diferenciando-os. Conhecidas também como chavões alentejanos, são peças que de acordo com aquele autor, tiveram uma grande previvência desde a Alta Idade Média até à actualidade, com uma grande dispersão por todo o Baixo Alentejo e Algarve (Viana, 1961/62, pp. 162-163, figs. 170-172).

Recolheram-se peças idênticas em níveis dos séculos XV-XVI nos castelos de Portel (Nolen, 2004, p. 31, n.º 7) e Montemor-o-Novo⁴, num núcleo rural da região de Monforte (Bugalhão, 2004, pp. 145, fig. 33) e na sinagoga de Castelo de Vide⁵.

⁴ <http://www.cm-montemornovo.pt>

Anilha de vassoura



Folha em ferro de formato sub-rectangular enrolada sobre si mesma e fixada por rebite com cabeça destacada. Apresenta uma outra perfuração para ajustar melhor a anilha em torno do objecto.

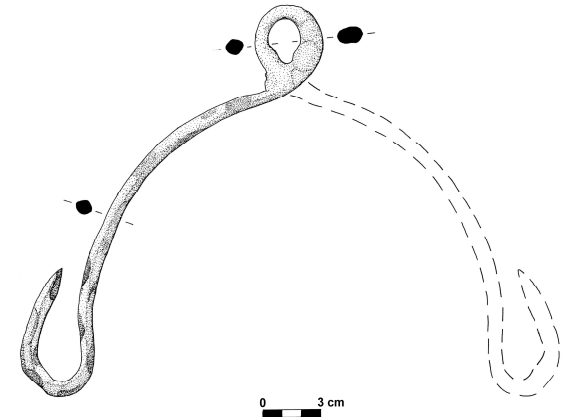
Obs. A peça encontra-se restaurada.

Ø. 5,5 cm; Ø.cb 0,9 cm; Ø.pf 0,5 cm; E. 0,15 cm; L. 2,95 cm

Esta anilha servia para fixar os feixes de juta bem ajustados contra o cabo da vassoura. Não foi possível aferir a sua cronologia, uma vez que não foi encontrado qualquer paralelo, embora seja possível observar este tipo de peça em alguns contextos rurais.

⁵ Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (<http://www.cm-castelo-vide.pt>)

Pega de caldeiro



Fragmento de asa de caldeiro em ferro.

O corpo tubular com secção sub-quadrangular tem perfil semi-circular, com argola na parte proximal e gancho na distal (terminal).

Obs. Mostra vestígios de oxidação.

A. 19,8 cm; A.g 6,5 cm, Ø.a 3,5 cm; E.md 0,9 cm

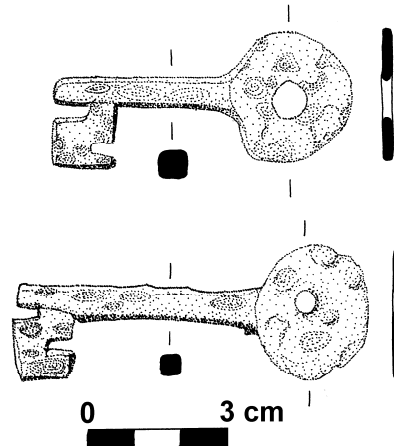
Esta pega suportaria um tacho sobre o lume ou um balde, com o qual se poderia retirar água de um poço.

Dos escombros do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, foi recuperado um caldeiro completo, que foi atribuído ao século XVII (Leite e Pereira, 1993, p. 96, n.º 158). Com uma cronologia alargada entre os séculos XVI-XVIII recolheram-se vários exemplares desta peça, pelo menos um deles completo, no Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras (Cardoso e Luna, 2011). Também no painel do *Calvário* (1520), que integra o Retábulo do Convento de Jesus de Setúbal, atribuído a Jorge Afonso, se pode observar peça semelhante.

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Chaves (2)



Chaves completas em ferro.

Apresentam pega destacada em disco com perfuração central. O corpo tubular, de secção sub-quadrangular termina com um palhetão de formato em Z.

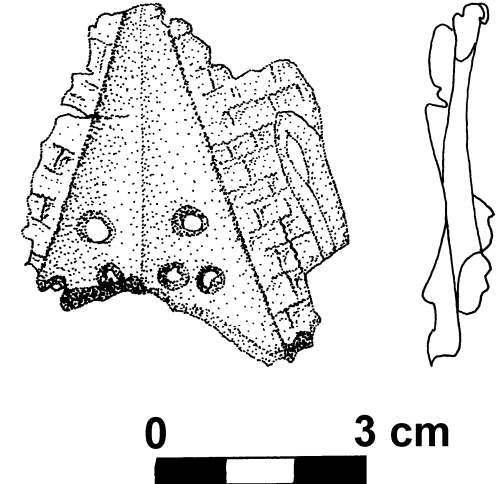
Obs. A menor foi restaurada, enquanto a outra mostra algumas concreções devido a oxidação.

Ø.d 2,7 cm; C.M 6,3 cm; E.d 0,2 cm; E.md 0,6 cm; E.ph 0,3 cm; Ø.pf 0,8 cm

Ø.d 2,9 cm; C.M 7,5 cm; E.d 0,2 cm; E.md 0,75 cm; E.ph 0,4 cm; Ø.pf 0,5 cm

Estas duas chaves poderão ser de cadeado, dada a sua diminuta dimensão. São frequentes em intervenções arqueológicas com materiais dos séculos XIV-XVI, como sucede em Sintra (Amaro, 1992/93, p. 121, Est. XVIII.2) e em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 184, fig. 173).

Cadeado (?)



Fragmento sub-triangular em liga de cobre.

Peça executada a molde a partir de folha metálica. A área central é dividida ao meio por depressão, tendo cada uma das partes três perfurações na zona inferior. As laterais são preenchidas por motivo reticulado, imitando silhares, tendo uma delas uma perfuração alongada que sugere uma janela e/ou postigo em ogiva.

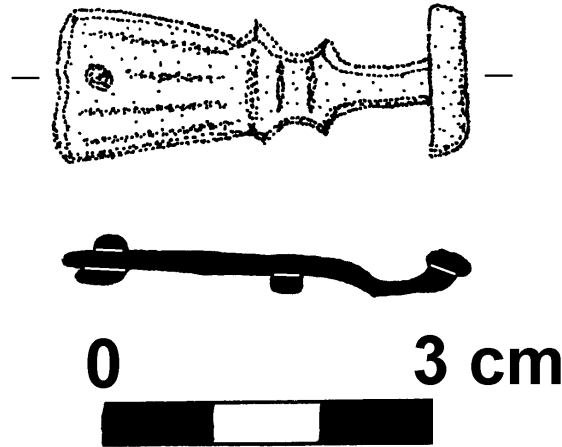
C.M 4,6 cm; L.M 6,2 cm; E. 0,3 cm; Ø.pf 0,35 cm

Não foi possível aferir cronologia.

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Fecho de livro



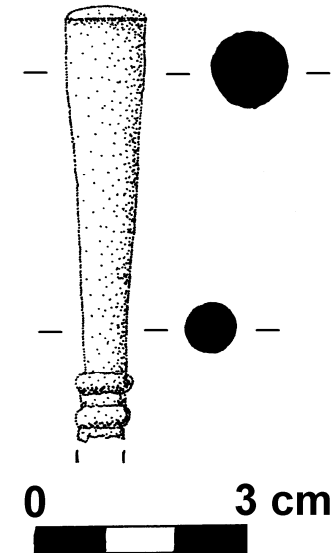
Exemplar completo em liga de bronze.

Tem formato sub-triangular. A meio da parte mais larga e no reverso da parte central, mostra rebites para fixação, enquanto a extremidade oposta é afilada e com uma cabeça de formato rectangular destacada. A superfície é decorada com linhas incisadas.

C. 3,75 cm; L.M 1,4 cm; L.m 0,4 cm; E. 0,15-0,5 cm

Mostra sistema parecido com o existente no Livro Vermelho da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, datado do século XVI⁶.

Cabo de sinete



Fragmento de sinete correspondente ao cabo.

Tem perfil troncocónico e secção circular. A extremidade proximal é convexa e a distal marcada por duas caneluras.

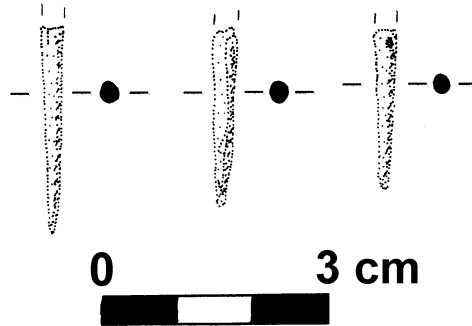
A. 6,1 cm; Ø. 0,6-1,1 cm

Não foi possível aferir cronologia.

⁶ Obras Raras da Biblioteca Joanina (<http://bibliotecajoanina.uc.pt>).

4.2. Uso Pessoal – Acessórios

Pontas de atilho (12)



Pontas de atilhos em liga de cobre.

Apresentam forma afunilada, tratando-se de artefactos produzidos com folha enrolada sobre si mesma. Alguns dos exemplares mostram, no segmento superior, pequeno furo de fixação.

C. 2,9 cm; Ø.M 0,3 cm

C. 2,3 cm; Ø.M 0,3 cm

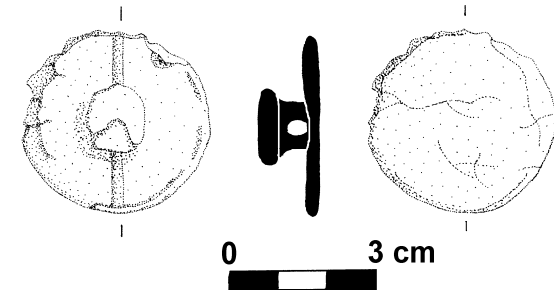
C. 2,15 cm; Ø.M 0,25 cm

Peças similares foram colectadas em contextos dos séculos XV-XVI de Portel (Nolen, 2004, p. 31, n.º 8) e até à centúria seguinte em Coimbra (Mourão, 2004, p. 22, n.º 47).

Essa cronologia é confirmada através de documentação iconográfica, como sejam algumas pinturas da escola portuguesa dos séculos XV-XVI, como por exemplo

Retrato da Princesa de Santa Joana (mestre desconhecido), *Martírio de São Sebastião* (Gregório Lopes) ou *Painéis de São Vicente* (Nuno Gonçalves) (Boavida, no prelo).

Botão de casaca (2)



Botão completo em liga de cobre.

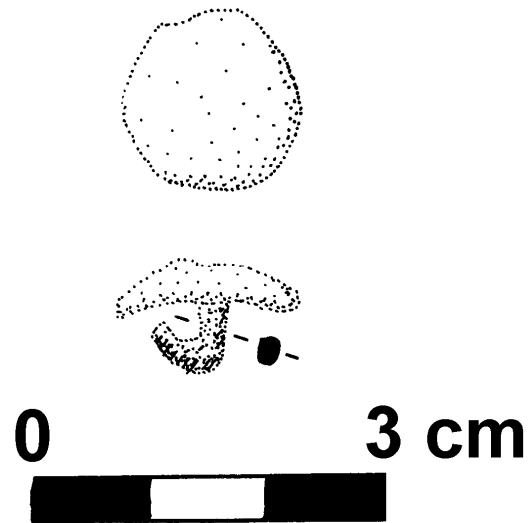
De formato circular com pé de secção cilíndrica, perfurado e espessado na parte terminal.

A. 1,25 cm; A.p 1 cm; Ø. 4,35 cm; Ø.pf 0,4 cm; E.d 0,25 cm; E.p 0,6 cm

Nos finais de setecentos, o mercado português era abastecido na sua maioria por botões de produção inglesa, pelo que é possível, recorrendo a documentação iconográfica anglo-saxónica, encontrar paralelos para este tipo de objecto. São disso exemplo, os retratos do *Coronel George K. H. Coussmaker* (1782) e o de *Francis Rawdon Hastings* (1789), ambos da autoria de Sir Joshua Reynolds (Boavida, no prelo).

São objectos que podiam ser polidos ou forrados de tecido.

Botão



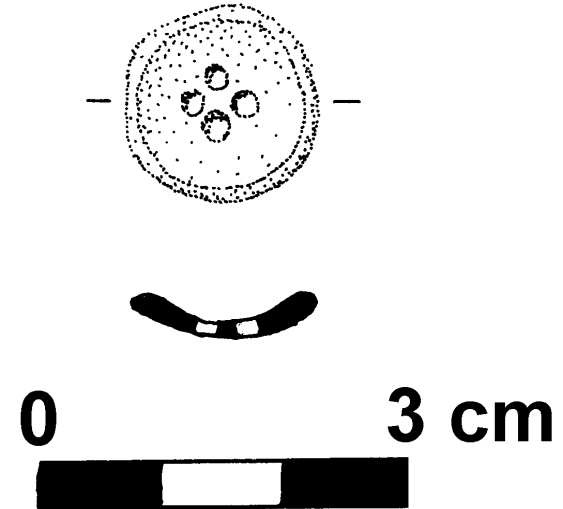
Botão completo em ferro.

De forma ligeiramente concâva, apresenta argola de fixação na face interna.

A. 0,95 cm; A.p 0,6 cm; Ø. 1,5 cm

Não foi encontrado paralelo. A forma não consta na tipologia de botões produzidos em Portugal a partir do século XVIII (Torres, 2006, pp. 44-48).

Botão

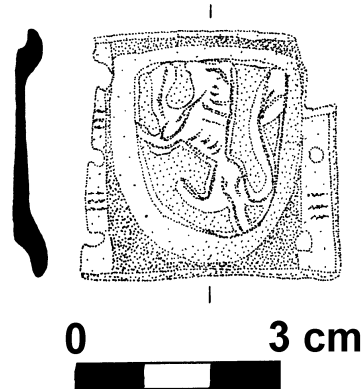


Botão completo em ferro.

De forma concâva, apresenta quatro perfurações totais e equidistantes entre si na área central. A. 0,3 cm; Ø. 1,6 cm; Ø.pf 0,15 cm.

Pode ser resultado de uma perda fortuita. Não foi possível aferir cronologia.

Fecho de cinturão



Fragmento de fecho de cinturão em liga de cobre.

Peça moldada a partir de folha metálica de formato sub-quadrangular. Mostra área central sobrelevada em forma de escudete com leão rompante virado à dextra em relevo. As laterais, correspondentes às zonas de fixação são decoradas com conjuntos de três linhas horizontais incisas e mostram seis perfurações organizadas três a três.

Obs. A peça encontra-se restaurada.

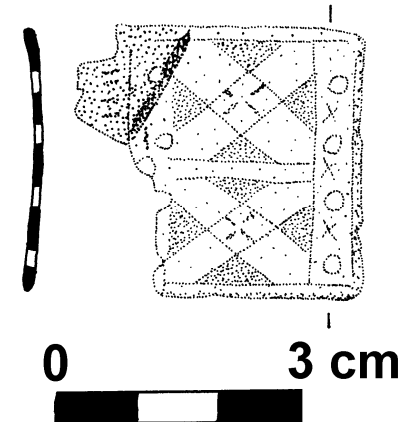
C.M 3,65 cm; L.M 3,9 cm; E.md 0,3 cm; Ø.pf 0,3 cm

Este fecho de cinturão mostra um elemento heráldico que poderá corresponder às armas da família Castelo Branco (de azul, leão rompante de ouro virado à dextra), que por diversas vezes foram alcaides da vila albicastrense (Branco, 1961).

Em Palmela, em contextos tardios da ocupação islâmica, foi recuperado também fecho decorado com temática zoomórfica, mas não heráldica (Fernandes e Santos, 2008, p. 47, n.º 52).

Fecho de cinturão

(2)



Fragmento de fecho de cinturão em liga de cobre.

Peça moldada a partir de folha metálica de formato sub-quadrangular. Mostra área central decorada por motivo geométrico e nas laterais, correspondentes às zonas de fixação seis perfurações e vestígios de outras duas, organizadas quatro a quatro, intercaladas por motivo geométrico.

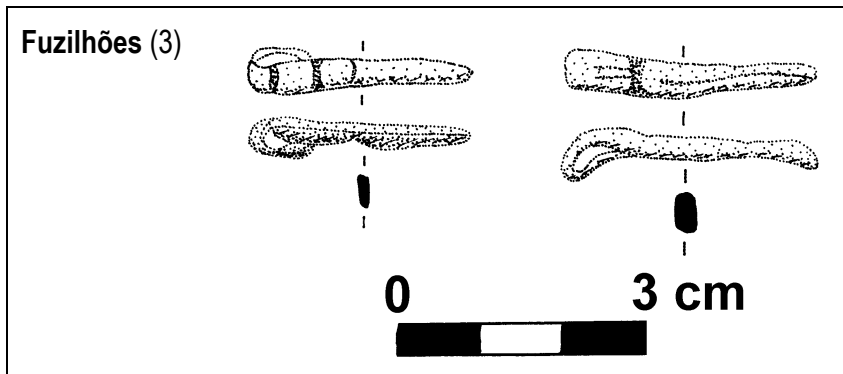
Obs. Mostra alguns vestígios de revestimento dourado.

C.M 3,3 cm; L.M 3,5 cm; E.md 0,15 cm; Ø.pf 0,15 cm

A decoração geométrica é semelhante à de uma fivela do século XII, considerada de tradição islâmica, recolhida no Sabugal Velho (Osório, 2008, p. 122, n.º 207).

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida



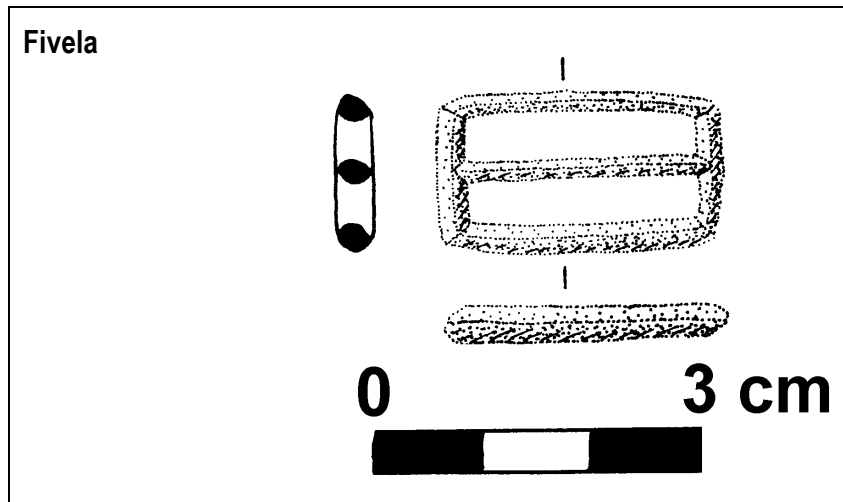
Fuzilhões completos em liga de cobre.

Peças tubulares, de secção sub-rectangular, enroladas num extremo, para fixação e afiladas no outro. A maior apresenta decoração incisa.

C.M 2,7 cm; E. 0,1 cm

C.M 3,05 cm; E. 0,25 cm

Identificou-se paralelo no Castelo do Sabugal, em níveis dos séculos XII-XIII (Osório, 2008, p. 122, n.º 208).



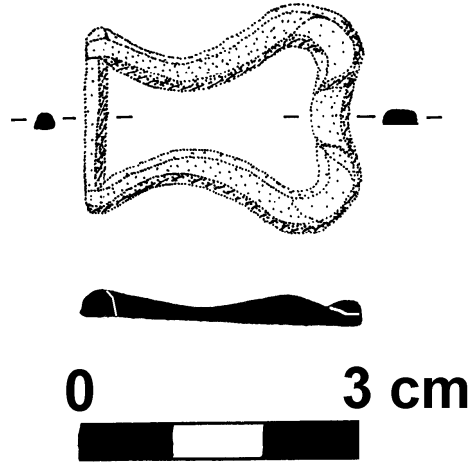
Exemplar completo em liga de cobre.

Tem formato rectangular e travessa central. Devido ao facto de ser facetada, possui secção sub-quadrangular.

C. 2,6 cm; L. 1,25 cm; E. 0,3 cm; E.tv 0,3 cm

É idêntica a outra encontrada na Rua de Nenhures, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.º 81) e similar a outras duas de Castelo Novo, embora aquelas tenham algumas decorações laterais (Silvério e Barros, 2005, p.190, fig. 77, n.ºs 5 e 7). Estão datadas dos séculos XV-XVI.

Fivela



Exemplar completo em liga de cobre.

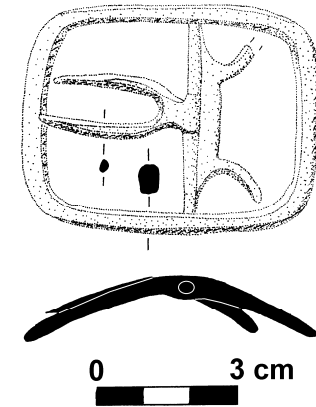
Tem formato liriforme. Devido ao facto de ser facetada, possui secção trapezoidal. A parte correspondente ao batente é concáva.

C.M 3 cm; L.M 2,5 cm; E. 0,15-0,3 cm

É igual a outras duas recolhidas na necrópole da Ermida de Santa Catarina de Valeria, Cuenca, que, com base em documentação iconográfica foram datadas do século XV (Fernández González, 1981, p. 67, 77 e 102-103, figs. 12.1 e 17.1).

Existe também um exemplar similar no Museu da Marinha, em Lisboa, usado para fixação de protecção de ombro de uma armadura seiscentista. O mesmo tipo de armadura, com uma fivela idêntica, surge num retrato de Santo Inácio de Loyola existente no Museu de São Roque em Lisboa.

Fivela de sapato



Exemplar completo (?) em bronze.

Tem formato sub-retangular e perfil côncavo. Sobre o travessão central estão os arranques da mola de formato trapezoidal vazado e para o lado oposto um fuzilhão duplo. A secção do arco é rectangular e as das extremidades da mola e do fuzilhão circulares.

Obs. A peça encontra-se restaurada.

A. 1,45 cm; C.M 6,3 cm; L.M 4,8 cm; E. 0,4 cm; C.tv 4 cm; E.tv 0,25 cm;

C.fz 3,5 cm; L.fz 1,4 cm; E.fz 0,2 cm; C.ml 1,45 cm; L.ml 3,5 cm; E.ml 0,2 cm

Trata-se de uma peça de grande dimensão, que mostra paralelos formais em outras do século XVIII, produzidas em materiais nobres, que fazem parte da colecção de joalharia do Museu Nacional de Arte Antiga (Orey, 1995, p. 79, fig. 106).

4. 2. 1. Alfinetes

Os alfinetes foram analisados seguindo a tipologia usada por Guilherme Cardoso na análise do espólio recuperado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval (Cardoso, 2007, p. 39). São constituídos por haste de cobre de secção circular, em que a extremidade distal é afilada, enquanto a proximal é rematada por enrolamento de fio, posteriormente batido (Tipo I) ou por uma cabeça oca, constituída por duas meias-esferas (Tipo II).

Os alfinetes do tipo I, no caso albicastrense, apesar da diversidade de comprimento, podem ainda ser subdivididos em função da espessura da haste e da dimensão da cabeça, o que pode dar algumas indicações sobre a sua finalidade.

Existem alfinetes mais espessos e de cabeça grande, iguais aos que surgem associados a cronologias dos séculos XV-XVI em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, pp. 72 e 182-183, fig. 72, n.ºs 1-6), Portel (Nolen, 2004, p. 31, n.º 8) e Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.º 82). São objectos similares aos que se podem observar em algumas obras flamengas como *Portrait of a Lady* (1464) ou *Lady wearing a gauze headdress* (1445), ambas de Rogier van der Weyden,

onde são usados normalmente em véus ou tocados. Em *Apresentação do Menino no Templo*, da autoria de Francisco Henriques, pintor flamengo radicado em Portugal na primeira metade do século XVI, também é possível observar essa mesma utilização (Boavida, no prelo).

Há também os alfinetes finos e de cabeça pequena, que seriam usados para segurar as mortalhas dos inumados, normalmente designados por alfinetes de sudário, semelhantes aos recolhidos em outros contextos funerários como os identificados na igreja paroquial da Foz do Douro (Osório, 1993, p. 33) e nos conventos de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra (Mourão, 2004, pp. 2-107, n.ºs 2, 9, 54, 65, 71, 78, 81, 89, 92, 106, 108, 117, 121, 124, 138, 143, 145, 152, 158, 162, 169, 171, 180, 182, 185, 188 e 195), no de Santo António, na Sertã (Batata, 1998, p. 91) e no de Jesus, em Lisboa (Cardoso, 2008, pp. 282, fig. 30), datados dos séculos XVI-XVII.

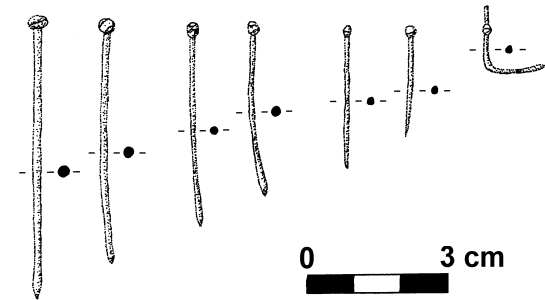
Na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval, surgem em níveis que vão do século XV ao XIX (Cardoso, 2007, p. 39, fig. 24, n.ºs 1-2, 11-12 e 28-30). Alfinetes como estes foram igualmente colectados no castelo de Penamacor (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 534, fig. 28; Boavida, 2006, pp. 134-135, n.º 87).

Desta última variante existem raros exemplares que poderão ser em liga de prata.

Ainda dentro do tipo I, através de uma única peça é possível perceber como seriam produzidas as cabeças destes objectos. À haste era enrolado um fio, que seria então batido, sendo depois cortado o excesso para lá da cabeça.

Em relação aos alfinetes do tipo II, são peças que normalmente surgem fora de contexto, mas devido à sua forma e comprimento só poderiam ser usados no cabelo. Foram recolhidos alguns exemplares em Coimbra (Mourão, 2004, pp. 39-87, n.ºs 84 e 174), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.ºs 83-84), Penamacor (Boavida, 2006, pp. 134-135, n.º 86) e no Cadaval (Cardoso, 2007, p. 39, fig. 24, n.º 31), cuja produção terá sido entre os séculos XV e XVII.

Alfinetes - Tipo I



De tocado (20)

Ø.cb 0,4 cm; C. 6,1 cm; E. 0,2 cm

Ø.cb 0,3 cm; C. 5,3 cm; E. 0,15 cm

Ø.cb 0,25 cm; C. 4,4 cm; E. 0,2 cm

Ø.cb 0,2 cm; C. 3,7 cm; E. 0,1 cm

De sudário (358)

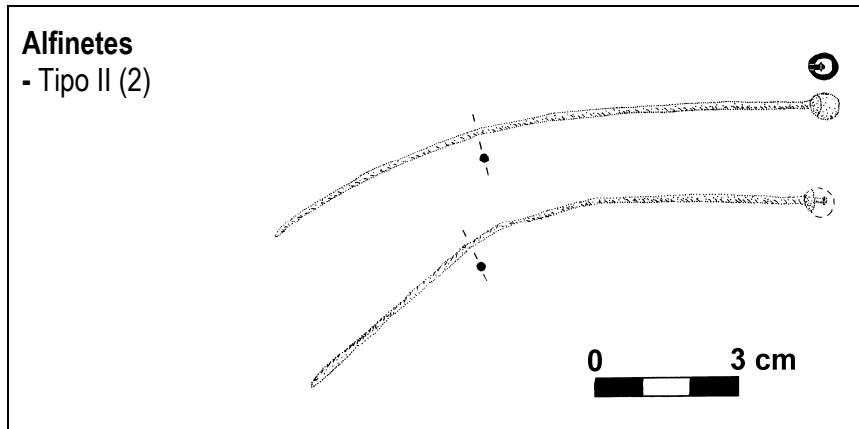
Ø.cb 0,15 cm; C. 3 cm; E. 0,1 cm

Ø.cb 0,2 cm; C. 2,4 cm; E. 0,1 cm

Ø.cb 0,15 cm; C. 2,7 cm; E. 0,1 cm

Alfinetes

- Tipo II (2)

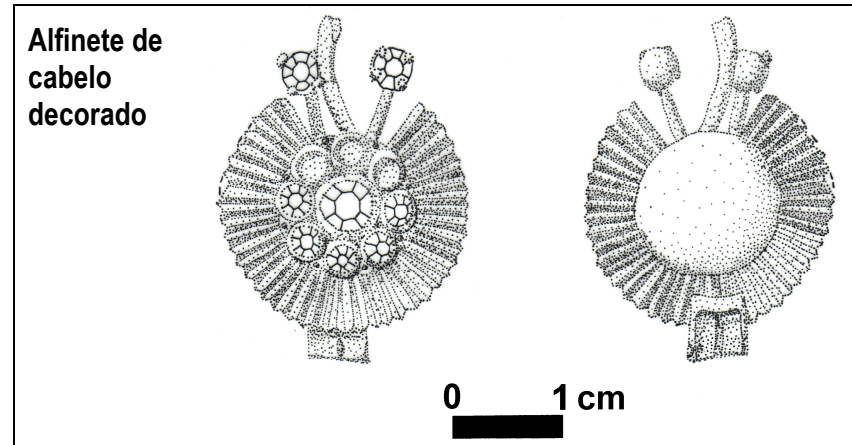


Ø.cb 0,6 cm; C. 12 cm; E. 0,2 cm

Ø.cb 0,55 cm; C. 11,7 cm; E. 0,15 cm

4.3. Joalharia

Alfinete de cabelo decorado



Cabeça de alfinete amovível, em liga de cobre, com revestimento dourado, decorada com pedraria em vidro.

Placa de formato circular, tipo esplendor. Na face anterior mostra disco central carregado com seis peças em vidro, em formato de brilhante e os alvéolos onde estariam outras três peças idênticas, num total de nove, sendo a central de maior dimensão. A face posterior é coberta quase na totalidade por chapa circular que esconde a parte traseira do suporte onde estão engastadas as peças de vidro.

Da parte superior arrancam três hastas de cobre, estando na ponta de duas delas outra peça de vidro fixada por engastes em garra. Na parte inferior encontra-se o suporte de fixação ao alfinete com duas perfurações laterais.

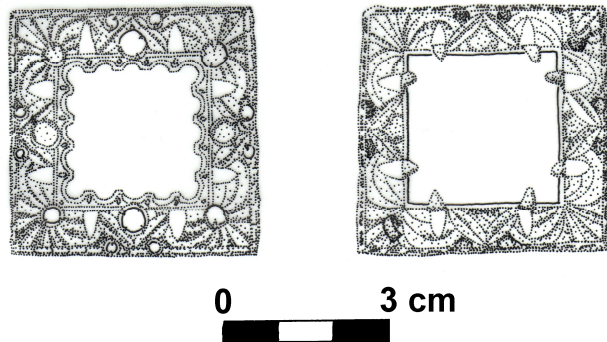
A. 3,1 cm; A.h 0,5-1 cm; A.p 0,5 cm; Ø. 2,25cm; Ø.d 1,3 cm; Ø.pd 0,3-0,5 cm; Ø.pf 0,15 cm; L.p 0,55 cm.

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Da colecção de joalharia do Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, fazem parte peças similares, datados dos séculos XVIII embora aquelas sejam elaboradas em materiais nobres. Surgem designadas em alguma bibliografia como “pregos de cabeça” (Sousa, 1999, pp. 69-70).

Firmal
(?)



Firmal (?) em liga de cobre decorado com peças de pasta vítrea vermelha.

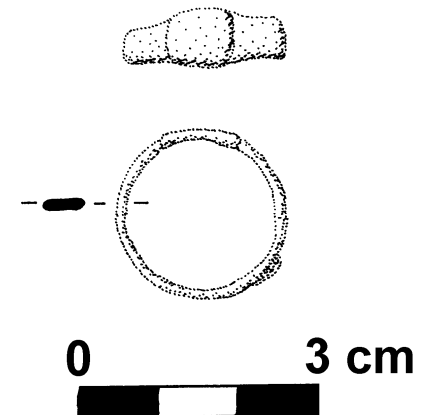
A bordadura é constituída por folha metálica de formato quadrangular, decorada com motivos vegetalistas. A parte central é preenchida por peça quadrangular plana em pasta vítrea, suportada por encaixe polilobulado e no reverso por engastes recortados na bordadura. Esta última está carregada de contas da mesma pasta vítrea, colocadas de forma simétrica entre si, fixas por quatro engastes em garra.

No reverso, em cantos diagonalmente opostos estão os suportes do alfinete de fixação.

A. 0,6 cm; C./L. 4,5 cm; E. 0,3 cm; L.bd 1 cm; Ø.c 0,2-0,5 cm

A peça central em pasta vítrea é similar a uma outra, romboidal, recuperada em níveis dos séculos XVI-XVII, no Convento de Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, p. 44, fig. 95).

Anel (2)



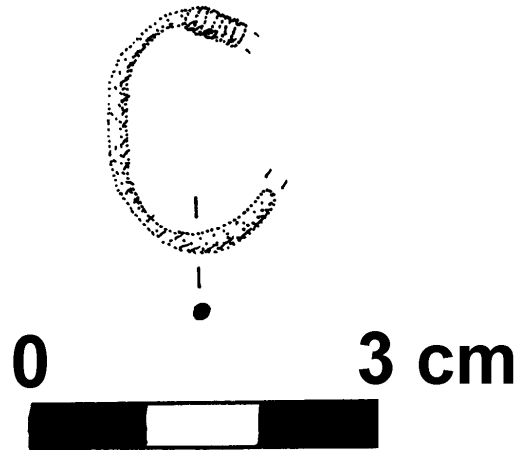
Anel completo em liga de prata (?).

Tem forma circular aplanada, onde sobressai um disco central de formato sub-rectangular.

Ø. 2,1 cm; L. 0,5 cm; E.md 0,15; C.d 0,85 cm; L.d 0,7 cm

Similar a outros mais espessos, em liga de cobre, colectados em Coimbra (Mourão, 2004, p. 26, n.º 56), Penamacor (Boavida, 2006, p. 135, n.º 88) e Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 194, fig. 80.2), atribuídos aos séculos XVI-XVIII.

Brinco (2)



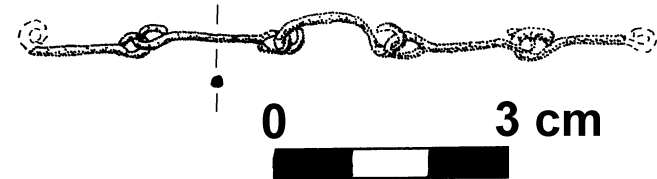
Exemplar incompleto em liga de cobre.

A sua forma é ovalada, com secção circular. Mostra enrolamento decorativo numa das extremidades.

E. 0,15 cm; Ex.M 2 cm

É igual a um outro encontrado em Santa-Clara-a-Velha, atribuído ao século XVI-XVII (Mourão, 2004, p. 13, n.º 27).

Pulseira



Conjunto de cadeias em liga de cobre, rectas ou curvas, encadeadas pelas pontas em forma de argola.

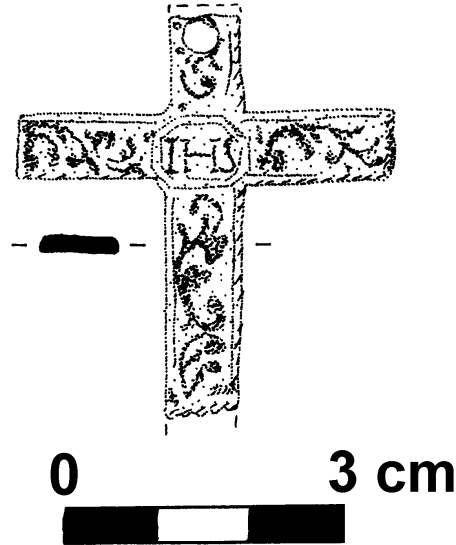
C.c 1,6-2,1 cm; E.md 0,1 cm; Ø.a 0,3 cm

Existe nas colecções no Museu Nacional Machado de Castro, uma pulseira idêntica, em prata, decorada com contas em pasta vítrea, que se considera ser de cronologia medieval (Alarcão, 2003, pp. 94 e 144-145, n.º 24). Ao contrário daquela, no exemplar albicastrense já não está presente nenhuma das contas, podendo no entanto, colocar-se a hipótese de algumas das contas recolhidas a poderem ter integrado.

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Cruz



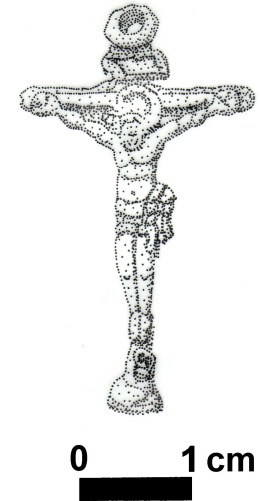
Cruz peitoral, latina, em liga de cobre, decorada por motivo vegetalista que define medalhão central oval com a inscrição IHS. A decoração é moldurada por incisão. Possui orifício para suspensão. Mostra vestígios de revestimento dourado.

A. 4,5 cm; Ø.pf 0,3 cm; E. 0,15 cm; L. 4,3 cm; L.bç 0,9 cm

Apresenta semelhanças na forma e dimensão com outras duas cruzes, uma recolhida em Santarém (Ramalho, 2002, p. 201, n.º 241) e a outra em Montemor-o-Novo⁷. No entanto, aquelas mostram Cristo na cruz, ao contrário da de Castelo Branco

⁷ <http://www.cm-montemornovo.pt>

Cruz



Cruz de Calvário em liga de cobre, com Cristo em vulto perfeito, placa sobre a cabeça e pequeno monte, com caveira, na base. Possui argola de suspensão.

A. 3,7 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E.md 0,3 cm; L. 2,1 cm

Esta cruz, devido à sua simplicidade, poderá ser de terço. Foi atribuída pelo Cônego Anacleto Martins ao século XVIII⁸.

⁸ O Cônego Anacleto Pires Martins participou activamente nas primeiras campanhas de escavação no castelo de Castelo Branco, estando o seu estudo de medalhística e crucifixo incluído no relatório da 2.ª Campanha de escavações, sob o título "*Objectos religiosos encontrados nas escavações no cemitério da antiga freguesia de Santa Maria do Castelo*".

4. 3. 1. Medalhas

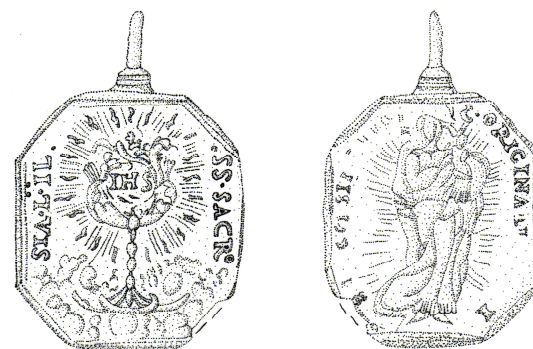
Foram recuperadas sete medalhas em liga de cobre, que nalguns casos mostram vestígios de revestimento dourado. São decoradas em ambas as faces, sendo a temática de cariz religioso, reproduzindo pinturas contemporâneas espanholas e italianas (Deagan, 2002, pp. 47-48).

Apresentam formato octogonal, oval ou em cadena. Em três delas existem saliências nos eixos, representando uma hipotética sobreposição a uma cruz, que poderão ser mais tardias (Boavida, 2009, pp. 76-77), embora Kathleen Deagan defenda que possa ser uma evidência da produção em série deste tipo de peça (2002, p. 47).

Foram encontradas peças semelhantes em níveis dos séculos XVI-XVII nos conventos de São Francisco de Santarém (Ramalho, 2002, p. 201, n.ºs 237, 238 e 240) e de Santa Clara-a-Velha de Coimbra (Mourão, 2004, pp. 115-132), na antiga igreja paroquial da Foz do Douro (Osório, 1993, p. 33) e nos castelos de Alcobaça (António, 2006, pp. 30-31), Montemor-o-Novo⁹ e Sabugal (Osório, 2008, pp. 171-172, n.ºs 261-262). São comuns também em Lisboa, em contextos que se estendem até ao

século XVIII, como no Convento de Jesus (Cardoso, 2008, p. 281, fig. 29), no Mosteiro de São Vicente de Fora (Ferreira, 1983, pp. 34-35, figs. 73-76) e na igreja do Convento do Carmo (Ferreira e Neves, 2005, pp. 604-605, n.ºs 1633-1641).

Medalha 1



Medalha octogonal em liga de cobre.

As faces são decoradas com imagens de uma Custódia irradiante e de Nossa Senhora com o Menino ao colo. Possui argola de suspensão.

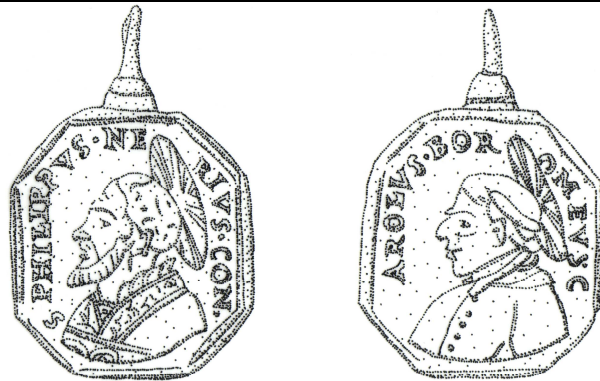
A. 3 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,2 cm; L. 2,6 cm

⁹ <http://www.cm-montemornovo.pt>

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Medalha 2

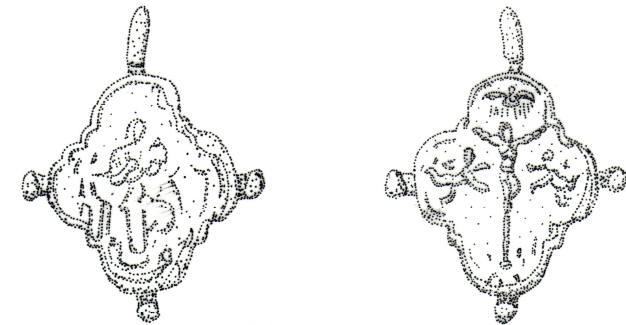


Medalha octogonal em liga de cobre.

As faces são decoradas pelas efígies de São Felipe Néri e de São Carlos Barromeu. Possui argola de suspensão.

A. 2,2 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,15 cm; E. 0,15 cm; L. 2 cm

Medalha 3



Medalha em forma de cadeia em liga de cobre.

As faces são decoradas com imagens de Nossa Senhora com o Menino ao colo e com a do Calvário, onde sob o Espírito Santo, representado por uma pomba, surge Cristo na cruz ladeado por dois anjos. Dos eixos arrancam braços de cruz, sendo o superior a argola de suspensão.

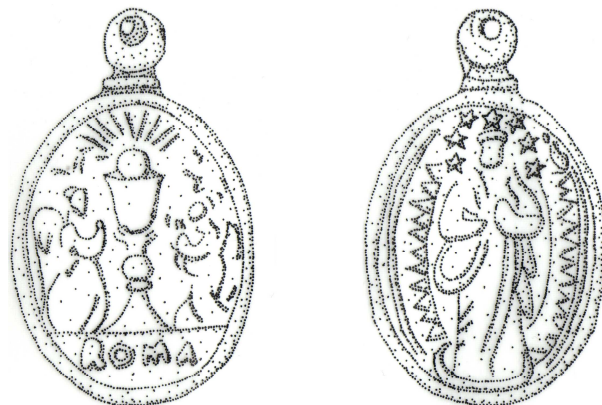
Obs. Mostra vestígios de revestimento dourado.

A. 1,6 cm; Ø.a 0,4 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,2 cm; L. 1,9 cm

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Medalha 4



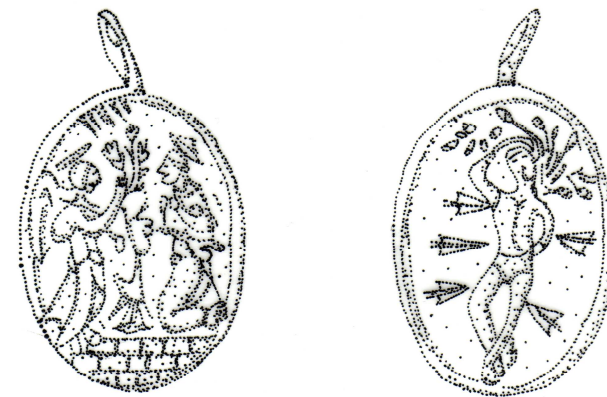
0 1 cm

Medalha oval em liga e cobre.

As faces são decoradas com imagens de um cálice ladeado por dois anjos com a legenda ROMA e de Nossa Senhora da Conceição, radiante, coroada por sete estrelas. Possui argola de suspensão.

A. 2,3 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,1 cm; L. 1,4 cm

Medalha 5



0 1 cm

Medalha oval em liga de cobre.

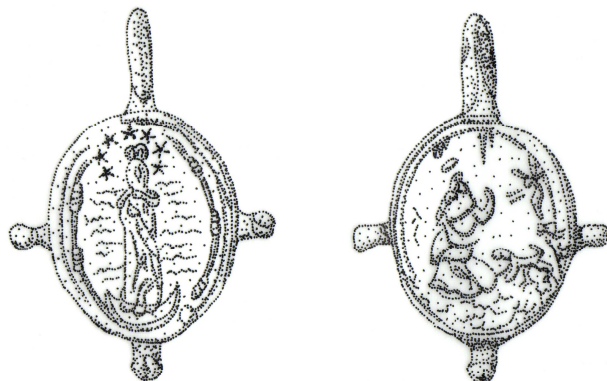
As faces são decoradas com a cena da Anunciação e do Martírio de São Sebastião. Possui argola de suspensão.

A. 2 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,2 cm; L. 1,6 cm

ARTEFACTOS METÁLICOS DO CASTELO DE CASTELO BRANCO (CASTELO BRANCO, PORTUGAL)

Carlos Boavida

Medalha 6

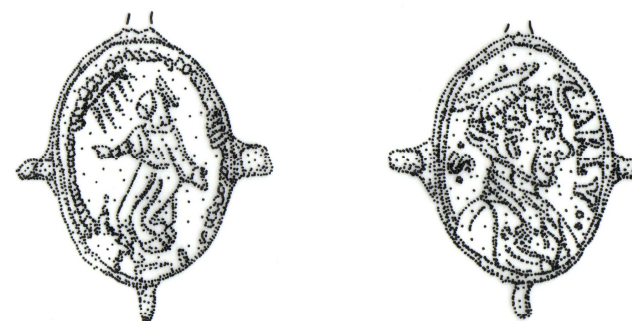


Medalha oval em liga de cobre.

As faces são decoradas com as imagens de São Francisco de Assis a receber os estigmas e de Nossa Senhora da Conceição coroada por sete estrelas. Dos eixos arrancam braços de cruz, sendo o superior a argola de suspensão.

A. 1,5 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,15 cm; E. 0,2 cm; L. 1,3 cm

Medalha 7

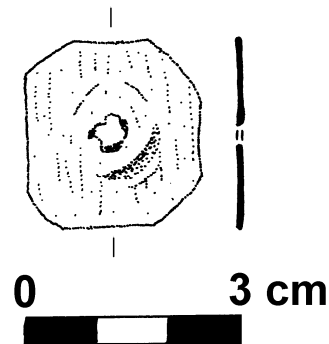


Medalha oval em liga de cobre.

As faces são decoradas com a cena de São Francisco de Assis a receber os estigmas e pela efígie de São Carlos. Dos eixos arrancam braços de cruz.

A. 1,4 cm; E. 0,2 cm; L. 1 cm

4.4. Elementos de mobiliário

Elemento de
Cadeira

Disco de pináculo de cadeira em liga de cobre.

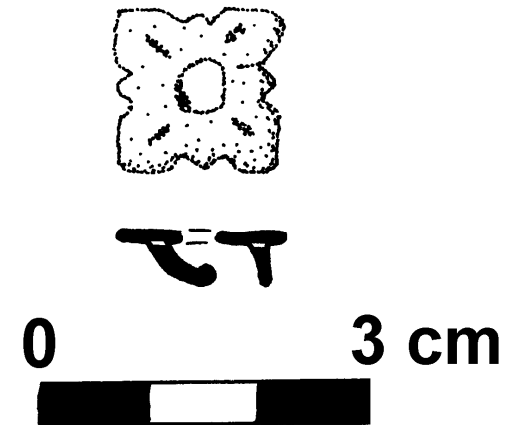
Executado a partir de folha metálica, apresenta formato quadrangular com os cantos truncados e uma perfuração central. Mostra suaves marcas circulares em torno dessa, devido à sua fixação entre outras peças mais resistentes.

C. 2,7 cm; L. 2,45 cm; E. 0,1 cm; Ø.pf 0,45 cm

Correspondente à base dos pináculos dos extremos do espaldar de uma cadeira, como as que se podem observar em algumas cadeiras da primeira metade do século XVII, presentes na colecção de mobiliário do Museu Nacional de Arte Antiga, provenientes de vários locais do país (Pinto e Sousa, 2000, pp. 50, 61, 63-64 e 105, figs. 18, 35, 37 e 40).

No Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, encontra-se exposta uma peça semelhante, ali recolhida em escavações arqueológicas, que foi identificada como sendo um elemento de pandeireta.

Aplique



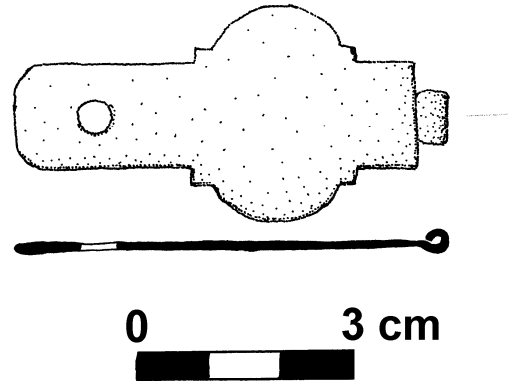
Exemplar completo em liga de bronze.

Aplique floriforme, plano, com perfuração central. Mostra incisões na face anterior e dois espigões para fixação no reverso.

A. 0,45 cm; C. 1,45 cm; L. 1,5 cm; E. 0,15; E.sp 0,2 cm; Ø.pf 0,45 cm

Pode integrar a mesma cronologia de outros exemplares do mesmo tipo recolhidos em Castelo Novo, em níveis dos séculos XV-XVI (Silvério e Barros, 2005, p. 192, fig. 78).

Fecho de arqueta



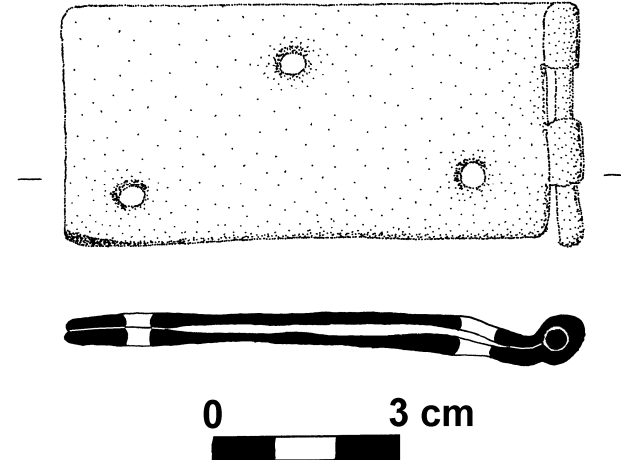
Exemplar completo em ferro.

Executado a partir de folha metálica. Com excepção da parte proximal, junto à argola de fixação, onde tem formato circular com cantos destacados, a sua forma é rectangular. A parte distal tem os cantos truncados e mostra uma perfuração onde entraria o encaixe do fecho.

C.M 5,55; L.M 3 cm; E. 0,1 cm; Ø.a 0,35; Ø.pf 0,4 cm

Não foi possível aferir cronologia.

Dobradiça



Metade de dobradiça e eixo em ferro.

Trata-se de folha metálica de formato rectangular, dobrada ao meio, o que permitiu assim a criação das argolas de suporte no local da dobra, no qual subsiste ainda o eixo. Mostra três perfurações onde estariam os pregos de fixação.

C. 8,4 cm; L. 3,9 cm; E. 0,5 cm; E.pn 0,3 cm; Ø.a 0,8 cm; Ø.pf 0,3 cm

Não foi possível aferir cronologia.

4.4.1. Pregos

Tratando-se de uma área de necrópole, rapidamente se associam os pregos recuperados a caixões. No entanto, estes seriam raros, uma vez que os enterramentos foram feitos em sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, onde os corpos seriam colocados protegidos por uma mortalha (segura por alfinetes de sudário) como evidencia a posição dos membros dos indivíduos sepultados, com as mãos sobre o ventre e os pés sobrepostos. Por outro lado a utilização de esquifes seria dispendiosa, mas não se exclui a sua possível utilização na necrópole de Santa Maria do Castelo, mas tal não seria comum.

Após observação atenta destes objectos foi possível a criação de uma tipologia que possibilitou a aferição da sua funcionalidade. Definiram-se assim oito tipos de prego, sendo três deles de uso em peças de mobiliário, enquanto os restantes serão de âmbito estrutural; isto é, seriam usados na construção de estruturas de maior dimensão como tabiques, pavimentos de madeira ou até mesmo telhados e o próprio esqueleto de diversas construções.

Tipo 1

Pregos em cobre, de pequena dimensão com cabeça redonda (cravo).

Seriam usados para a fixação de ferragens decorativas, fechaduras e forros de cabedal, como os existentes em pequenas arquetas e/ou baús dos séculos XVII-XVIII do Mosteiro do Lorvão e dos conventos dos Grilos e das Salésias presentes na colecção de mobiliário do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) (Pinto e Sousa, 2000, pp. 53-54 e 58, figs. 21-23 e 28).

Tipo 2

Pregos em ferro, de pequena dimensão com cabeça prismática quadrangular.

Seriam usados para fixação de ferragens em grandes móveis setecentistas também existentes na colecção do MNAA.

Tipo 3

Pregos de ferro, com cabeça côncava, lisa ou gomada, com espigão algo longo.

Eram usados para a fixação de estofos de cabedal em cadeiras do século XVII, como as provenientes do Convento do Sacramento, em Lisboa, igualmente expostas no MNAA (Pinto e Sousa, 2000, p. 50, fig. 18), mas também foram recuperados dois exemplares em Silves, em níveis do século XIII que integrariam as ferragens de uma porta (Gomes, 2003, p. 195, fig. 130, Q86/C2-6).

Tipo 4**Tipo 5****Tipo 6**

Por vezes as cabeças dos pregos eram batidas para serem visíveis o menos possível, nomeadamente se usadas no forro de coberturas como a que ainda subsiste na Igreja de Santa Maria do Castelo. Esta situação verifica-se nestes três tipos de pregos em ferro que diferem apenas no formato da cabeça: plana, plana destacada e plana rectangular em T.

Tipo 7

Pregos em ferro, de grande dimensão com cabeça circular destacada, tipo cavilha.

Seriam usados em grandes estruturas de madeira, como seria o esqueleto de diversas construções existentes na alcáçova albicastrense, assim como nas vigas de suporte dos telhados.

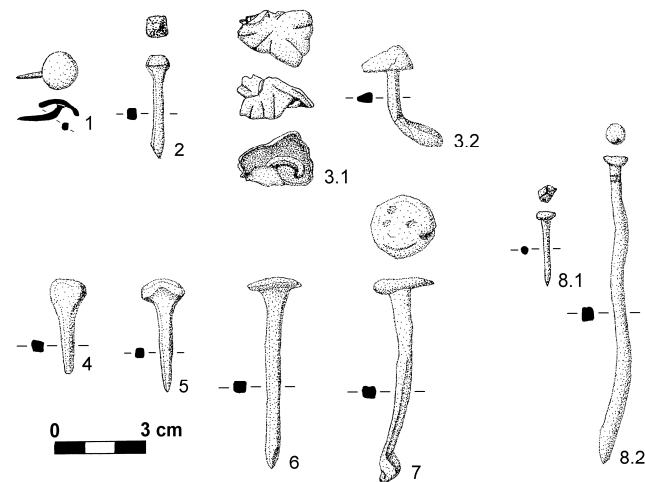
Tipo 8

Pregos em aço, de tamanho variável, com cabeça redonda ligeiramente destacada.

Peças de produção relativamente recente que poderão ter sido usadas em diversas intervenções que tiveram lugar na alcáçova, pelo menos, ao longo da segunda metade do século XX.

Estes cinco últimos tipos encontram paralelos em níveis dos séculos XIV-XV identificados no Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992/1993, p. 120, Est. XIX) e em contextos cuja cronologia se estende até ao

século XVII, na Rua de Nenhures, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.ºs 77-80).

Pregos

Tipo 1 (5): A. 0,7 cm; Ø.cb 1,2 cm; E.cb 0,15 cm; E.sp 0,2 cm

Tipo 2 (7): A. 3,4 cm; E.cb 0,6 cm; E.sp 0,3 cm; L.cb 0,65 cm

Tipo 3.1: A. 1,5 cm; C. 2,6 cm; L. 1,9 cm; E. 0,2 cm; E.sp 0,35 cm

Tipo 3.2: A. 3,4 cm; Ø.cb 1,75; E.cb 0,3 cm; E.sp 0,5 cm

Tipo 4 (61): A. 3,2 cm; E.sp 0,35-0,6 cm; L.cb 0,9 cm

Tipo 5 (150): A. 3,2 cm; E.sp 0,3-0,5 cm; L.cb 1,35 cm

Tipo 6 (207): A. 6,2 cm; E.sp 0,4-0,9 cm; L.cb 1,3 cm

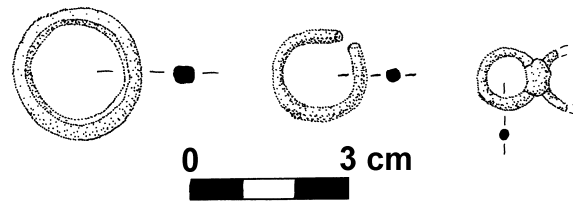
Tipo 7 (102): A. 6,7 cm; Ø.cb ; 2,1 cm; E.cb 0,5 cm; E.sp 0,4-0,7 cm

Tipo 8.1 (29): A. 2,45 cm; Ø.cb 0,6 cm; E.cb 0,3 cm; E.sp 0,2 cm

Tipo 8.2 (74): A. 10,25; Ø.cb 0,6 cm; E.cb 0,3 cm; E.sp 0,4 cm

4.5. Outros

Argolas (8)



Exemplar completo em liga de cobre. O facto de ter secção sub-quadrangular torna-a ligeiramente facetada.

Ø.2,45 cm; E. 0,4 cm

Exemplar completo em liga de cobre. Tem secção circular.

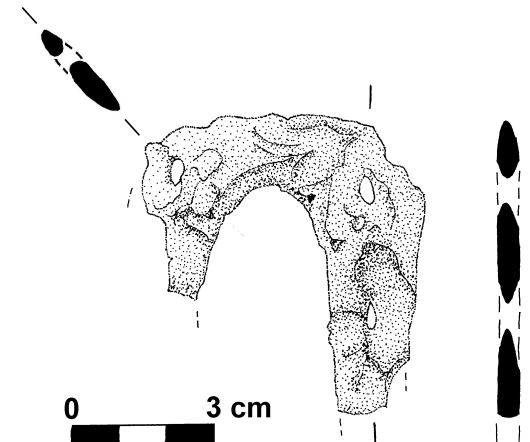
Ø.1,8 cm; E. 0,2 cm

Conjunto de argolas duplas, não articuladas e com secção circular. Apenas uma está completa.

Ø.1,1 cm; E. 0,15 cm

Estas argolas poderão ter feito parte de eventuais arreios, cuja datação pode ser dos séculos XIV-XV, como as recolhidas em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 193, fig. 79.1).

Ferradura (2)



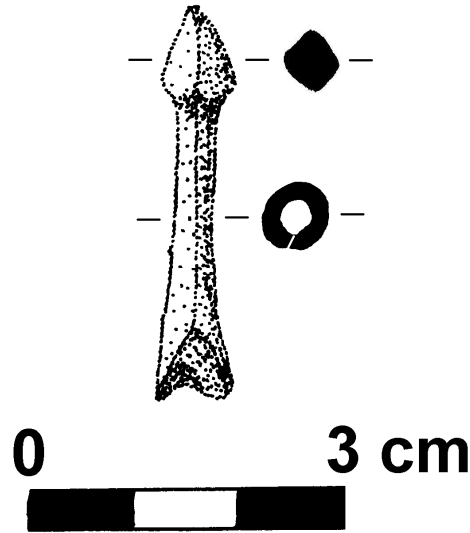
Fragmento de ferradura em ferro.

Tira metálica afeiçãoada em forma de U invertido. Mostra três perfurações, duas delas do lado mais completo.

C.M 5,9 cm; L.M 6,2 cm; E. 0,4 cm; Ø.pf 0,3 cm

Idêntica a outras descobertas no Sabugal Velho, datadas dos séculos XII-XIII (Osório, 2008, p. 147, n.ºs 180-185).

Virote de besta



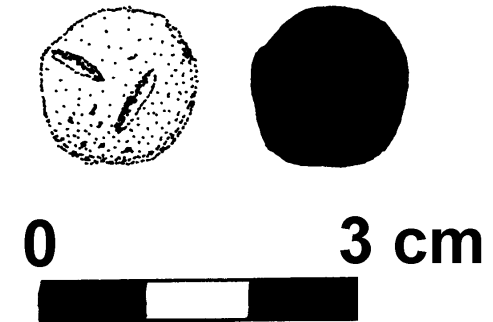
Exemplar completo em ferro.

A cabeça é destacada do alvado e tem perfil romboidal. A parte inferior do alvado é oca para fixação do cabo.

A. 3,8 cm; A.cb 0,95 cm; Ø.0,4-0,8 cm; E.cb 0,7 cm

Mostra semelhanças com os recuperados nos castelos de Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 199, fig. 84, n.º 4), Vilar Maior (Osório, 2008, p. 147, n.º 222), Guarda e Castelo de Vide (Barroca e Monteiro, 2000, p. 396 e 399, n.ºs 137 e 142), cujas cronologias estão entre os séculos XIII-XV.

Bala de mosquete



Exemplar completo em chumbo.

De formato esférico, mostra diversas estrias ao longo da superfície.

Ø.1,5 cm

As estrias desorganizadas na superfície poderiam permitir a esta penetrar mais profundamente nos alvos.

**Balas de canhão
(17)**



Exemplares completos em ferro.

São peças de formato esférico, maciças e lisas de variados calibres.

A menor: Ø. 8,6 cm; P. 2 kg

A maior: Ø. 12,2 cm; P. 7,2 kg

Embora se tratem de balas de canhão, iguais às que se podem observar no Museu Militar em Lisboa, não é possível aferir a sua cronologia exacta.

No Museu do Canteiro, em Alcains, encontram-se expostas peças idênticas a estas. Eram utilizadas para facilitar a deslocação de blocos de pedra nas pedreiras, no caso nas de Montelavar, em Sintra (Almeida, 2005, pp. 17-18). Uma vez que após a sua desactivação como praça militar, o castelo de Castelo Branco foi usado como pedreira, pode colocar-se a hipótese de estas peças terem sido usadas para esse fim, sendo secundária a sua deposição junto às fundações da muralha (Boavida, 2009; no prelo)

5. Considerações Finais

O castelo de Castelo Branco, apesar de muito descaracterizado pelo tempo e pelos homens, é um dos monumentos mais emblemáticos daquela cidade. Sempre envolto em histórias e lendas, foi com enorme expectativa que ali se desenvolveram trabalhos arqueológicos ao longo do início da década de 80 do século XX. Infelizmente não foi possível fazer uma análise aprofundada dos materiais recuperados, importantes documentos da História do mesmo e também da cidade, tendo sido necessário esperar três décadas para descobrir que *histórias* conta o castelo.

Embora o conjunto das cerâmicas seja o mais numeroso dentro do espólio recolhido, é através dos artefactos metálicos que maior número de dados se podem obter sobre o quotidiano daquele espaço.

Se por um lado, os pequenos objectos de uso pessoal são um reflexo do gosto, da moda e das mentalidades de então, por outro, os de uso doméstico, os restos de armamento ou as peças de cariz religioso revelam-nos as diversas funcionalidades aqui reunidas: habitacional, militar, religiosa, funerária, ...

Juntamente com os dados fornecidos pelo restante espólio, estes objectos são importantes documentos para a análise da evolução do espaço do castelo e da comunidade que aí esteve instalada.

Bibliografia

História e Enquadramento

ALARCÃO, Jorge de (2002) – O Domínio Romano em Portugal. 4.^a ed., col. Fórum de História 1. Publicações Europa-América.

ALARCÃO, Jorge; **IMPERIAL**, Flávio (1996) – Sobre a localização dos Lancienses e Taporí. *Miscellanea em homenagem ao Prof. Bairrão Oleiro*. Lisboa: Ed. Colibri (pp. 39-44).

ALMEIDA, João de (1945) – Monumentos do concelho de Castelo Branco. *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses* vol. I – Parte II; col. *Ao serviço do Império*, n.º X; Lisboa (pp. 388-402).

BRANCO, Manuel Castelo (1961) – Alcaldes-mores de Castelo Branco. *Estudos de Castelo Branco: Revista de História e Cultura* 1; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 1-8).

CANINAS, João (1979) – A cerâmica de engobe brunido do Monte de São Martinho (Castelo Branco). *Preservação* 2. Castelo Branco: Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (pp. 5-8).

CAPELO, José Manuel (2007) – Castelo Branco, a Cidade-Capital Templária em Portugal de 1215 a 1314: As Sedes Templárias em Portugal. *Codex Templi*, dir. e coord. Teresa Pinto Furtado; Zéfiro (pp. 159-220).

CARDOSO, J. Ribeiro (1940) – Castelo Branco. *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*, vol. I – Tomo I. Castelo Branco: Junta Provincial da Beira Baixa (pp. 7-29).

CARDOSO, J. Ribeiro (1953) – Castelo Branco e o seu alfoz: achegas para uma monografia regional. Castelo Branco: Ed. Autor, Livrarias Semedo e Feijão – Depositárias.

DIAS, Jaime Lopes (1935) – Pelourinhos e Forcas do distrito de Castelo Branco. Vila Nova de Famalicão: Minerva.

DIAS, João José Alves (1998) – A população: realidades demográficas. *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, coord. João José Alves Dias; Nova História de Portugal, vol. V, dir. Joel Serrão, A. H. de Oliveira Marques; Lisboa: Presença (pp. 11-52).

DUARTE, Rui Manuel dos Santos (1996) – As marcas do passado no actual espaço urbano: a cidade de Castelo Branco sob uma perspectiva geográfica. Tese de Mestrado em Geografia apresentada ao Instituto de Estudos Geográficos - Universidade de Coimbra.

FARINHA, Ana Cristina; **PINTO**, Clara Vaz; **VILAÇA**, Raquel (1996) – Contributo para o estudo dos materiais do Bronze Final provenientes do Monte de São Martinho (Castelo Branco). *Materiais* 1–S. II. Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior (pp. 45-64).

FERREIRA, Ana Margarida (coord.) (2004) – Arqueologia: Colecções de Francisco Tavares Proença Júnior. Instituto Português dos Museus.

GARCIA, José Manuel (1979) – Epigrafia e romanização de Castelo Branco. *Conímbriga* 18; Instituto de Arqueologia / Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra (pp. 149-167).

GARCIA, José Manuel; **LEITÃO**, Manuel (1982) – Inscrições romanas do Monte de São Martinho (Castelo Branco). *Cadernos de Epigrafia* 6. Castelo Branco: Centro de Estudos Epigráficos da Beira.

GOMES, Rita Costa (2001) – Castelos da Raia: Beira, vol. I, *col. Arte e Património*; 2.^a ed., Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

GONÇALVES, João Gouveia Telo (1965) – Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa. Sep. *Estudos de Castelo Branco: Revista de História e Cultura*. Império (pp. 3-12).

LEITÃO, Manuel (1985) – Uma fíbula do tipo transmontano do povoado de São Martinho (Castelo Branco). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 25, Porto (pp. 407-410).

LEITÃO, Manuel (1994) – Vestígios romanos do concelho de Castelo Branco. *Trebarvna* 3. Castelo Branco: Centro de Estudos Epigráficos da Beira (pp. 23-40).

MARQUES, A. H. de Oliveira (1993) – O «Portugal» Islâmico. *Portugal em Definição de Fronteiras: Do Condado Portucalense à crise do século XIV*, coord. M.^a Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem; col. *Nova História de Portugal*, vol. III; dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; Lisboa: Presença, (pp. 116-249).

MARQUES, A. H. de Oliveira (1996) – A circulação e a troca de produtos: vias de comunicação. *Portugal em Definição de Fronteiras: Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV*; coord. M.^a Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem; col. *Nova História de Portugal*, vol. III; dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; Lisboa: Presença (pp. 487-493).

MARTINS, Cón. Anacleto Pires da Silva (1979^A) – Esboço Histórico da Cidade de Castelo Branco. Câmara Municipal de Castelo Branco.

NUNES, Ant.^o Lopes Pires (2002) – Castelo Branco, uma cidade histórica: Estrutura da urbe e as linhas do seu desenvolvimento.

Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa 3; Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco.

OLIVEIRA, Pedro A. Quintela d' (2003) – O Castelo. *O Programa Polis em Castelo Branco: Álbum Histórico*; coord. Leonel Azevedo; Castelo Branco: Sociedade Polis Castelo Branco (pp. 15-67).

PONTE, Maria Salete da (1986) – Nove fíbulas de Castelo Branco. *Trebarvna* 2; Castelo Branco: Centro de Estudos Epigráficos da Beira (pp. 29-38).

PROENÇA, Francisco Tavares de (1903) – Antiguidades I: Resultado das explorações feitas nos arredores de Castelo Branco em Setembro e Outubro de 1093. Coimbra: Typographia França Amado.

PROENÇA, Francisco Tavares de (1910) – Archeologia do Districto de Castello Branco: primeira contribuição para o seu estudo. Leiria: Typographia Leiriense.

REAL, Manuel Luís (1995) – Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Cristã no Ocidente Peninsular. *IV Reunió*

d'Arqueologia Cristiana Hispânica – Monografias de la Secció Histórica-Arqueologica; Barcelona (pp. 17-68).

SALVADO, Pedro (1980) – marcas de oleiro em tégulas romanas da estação arqueológica do “triângulo” – Mércules, Sant’Ana, S. Martinho. *Estudos de Castelo Branco: Revista de História e Cultura* 6 – Nova Série. Castelo Branco (pp. 126-131).

SALVADO, Pedro (1982) – Fusaiolas do povoado de São Martinho (Castelo Branco) do Museu Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior, IPPC.

SIMÕES, Maria Helena (1986) – Vidros romanos do Museu de Castelo Branco. *Conímbriga* 25; Instituto de Arqueologia / Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra (pp. 143-152).

VILAÇA, Raquel (1995) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia* 9. Lisboa: IPPAR.

Intervenções Arqueológicas

Castelo de Castelo Branco – Processo n.º 263 do arquivo de Arqueologia Portuguesa – IGESPAR (não publicado).

MARTINS, Anacleto Pires da Silva (1979^B) – Febrite Arqueológica. *Reconquista*, n.º 1749 (2 de Março); dir. Joaquim Cabral (p. 1).

RIBEIRO, João Henriques (1984) – Trabalhos de Campo (1981): Castelo Branco. *Informação Arqueológica: Boletim de Informação Arqueológica Portuguesa* 4; coord. Susana H. Correia; Lisboa: Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural (pp. 57-59).

RIBEIRO, João Henriques (1985) – Trabalhos de Campo (1982/83): Castelo Branco. *Informação Arqueológica: Boletim de Informação Arqueológica Portuguesa* 5; coord. Susana H. Correia; Lisboa: Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural (pp. 63-64).

RIBEIRO, João Henriques (1987) – Cerâmica medieval nas escavações da zona do castelo de Castelo Branco (Portugal). *Actas do II Colóquio*

Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterraneo Occidental; Toledo (pp. 277-281).

RIBEIRO, João Henriques (2010) – Escavações no castelo de Castelo Branco: resultados. *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguesas* (Número Especial) *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia: Cem Anos de Investigação Arqueológica no Interior Centro*; ed. Luiz Oosterbeek (pp. 299-307).

RIBEIRO, João; **AZEVEDO**, Leonel (2001) – “Os jardins do Paço Episcopal de Castelo Branco”; Câmara Municipal de Castelo Branco.

SALVADO, Pedro Miguel; **MOREIRA**, Sílvia (2007) – Resultados das escavações arqueológicas de emergência no castelo de Castelo Branco (2000): notícia preliminar. *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura* 6 – Nova Série; Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco (pp. 211-217).

Espólio

ALARCÃO, Adília (coord.) (2003) – Inventário do Museu Nacional Machado de Castro: colecção de ourivesaria medieval (séculos XII-XV). Inventário do Património Cultural. Instituto Português dos Museus.

ALMEIDA, Solange (2005) – Museu do Canteiro. *Catálogo da Exposição Permanente*; Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco.

AMARO, Clementino (1992) – Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra. *Arqueologia Medieval*, n.º 1, dir. Cláudio Torres. Porto: Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento (pp. 111-123).

ANTÓNIO, Jorge (2006) – Intervenção arqueológica no castelo de Alcobaça. *Al-Madan* 14 – S. II; dir. Jorge Raposo; Almada: Centro Arqueológico de Almada (pp. 23-32).

BARROCA, Mário Jorge; **MONTEIRO**, João Gouveia (coord.) (2000) – Pera Guerrejar: Armamento Medieval no Espaço Português. *Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia*; Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

BATATA, Carlos (1998) – Carta Arqueológica do concelho da Sertã. Sertã: Câmara Municipal da Sertã.

BOAVIDA (no prelo) – Castelo de Castelo Branco (1979/84 e 2000): síntese dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos e principais conclusões.

BOAVIDA, Carlos (2006) – Castelo de Penamacor: Estudo de Espólio Medieval e Moderno: Sector Pelourinho/Cemitério (2005). Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Relatório Final; FCSH-UNL, Lisboa (policopiado).

BOAVIDA, Carlos (2009) – Castelo de Castelo Branco: Contributo para o Estudo de uma Fortificação da Raia Beirã. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (policopiado).

BUGALHÃO, Jacinta (2004) – O núcleo de povoamento rural dos Sardos, Monforte. *Arqueologia da rede de transporte de gás: 10 anos de investigação*, coord. Jacinta Bugalhão, Trabalhos de Arqueologia 39; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 109-150).

CARDOSO, Guilherme (2007) – A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval. *Arqueologia do Cadaval* 3; Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval.

CARDOSO, Guilherme; **LUNA**, Isabel (2011) – Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras entre os séculos XV e XVIII: um olhar através dos objectos do poço dos Paços do Concelho. Conferência proferida no âmbito de *Velhos e Novos Mundos: Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. Centro de História do Além-Mar das Universidades Nova de Lisboa e dos Açores (7 de Abril).

CARDOSO, João Luís (2008) – Resultados das escavações arqueológicas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Julho e Dezembro de 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11:1, coord. edit. António Marques de Faria; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, (pp. 259-284).

DEAGAN, Kathleen (2002) – Artifacts of the Spanish colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800: portable personal possessions, vol. 2. Washington & London: Smithsonian Institution Press.

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, Ant.º Rafael (1997) – Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (área urbana de Palmela). *Actas I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste - Setúbal Arqueológica* 11/12, dir. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares; Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia, Assembleia Distrital de Setúbal (pp. 279-295).

FERNANDES, Isabel Cristina; **SANTOS**, Michelle Teixeira (coord.) (2008) – Palmela Arqueológica: Espaços, Vivências, Poderes – Roteiro da Exposição. *Catálogo da Exposição na Igreja de Santiago – Castelo de Palmela*; Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Museu Municipal.

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Jorge Juan (1981) – Excavaciones Medievales en Valeria (Cuenca). *Arqueologia Conquense* 5; Diputacion Provincial de Cuenca.

FERREIRA, F. E. Rodrigues (1983) – Escavação do ossário de São Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa. *Revista Municipal* 4 – S. II; dir. Orlando Martins Capitão; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa (pp. 5-36).

FERREIRA, F. E. Rodrigues; **NEVES**, M. C. Machado (2005) – Intervenção Arqueológica na Igreja do Convento do Carmo. *Construindo a Memória: As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*, coord. José Morais Arnaud e Carla Varela Fernandes; Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (pp. 580-609).

GOMES, Rosa Varela (2003) – Silves (Xelb), uma cidade do *Gharb Al-Andalus*: A Alcáçova. *Trabalhos de Arqueologia* 35; coord. editorial António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

LEITE, Ana Cristina; **PEREIRA**, Paulo (1993) – Hospital Real de Todos-os-Santos: séculos XV-XVIII (catálogo). Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Câmara Municipal de Lisboa.

MOURÃO, Teresa da Paz Sanches de Miranda (2004) – Entre murmúrios e orações: Aspectos da vida quotidiana do Convento de Santa-Clara-a-Velha captados através do espólio funerário (séc. XVI e XVII). Tese de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra (policopiado).

NOLEN, Jeannette U. Smit (2004) – Roteiro: Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa. Fundação da Casa de Bragança.

OREY, Leonor d' (coord.) (1995) – Cinco Séculos de Joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga. Instituto Português dos Museus, Philip Wilson Publishers Limited.

OSÓRIO, M.^a Isabel N. Pinto (1993) (coord.) – Um lugar na cidade. *Porto das Mil Idades: Arqueologia na Cidade*; Câmara Municipal do Porto (pp. 32-33).

OSÓRIO, Marcos (coord.) (2008) – Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica. *Catálogo do Museu*; Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal, Pro-Raia – Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro Norte.

PINTO, M.^a Helena Mendes; **SOUSA**, M.^a da Conceição Borges de (2000) – Mobiliário Português. *Roteiro da Exposição do Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga*. Instituto Português dos Museus.

RAMALHO, M.^a M. B. de Magalhães (2002) – Religião e Morte: A morte no quotidiano do Convento de São Francisco de Santarém. *De Scallabis a Santarém*; coord. Ana Margarida Arruda, Catarina Viegas e M.^a José de Almeida; Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (pp. 185-196).

SILVÉRIO, Silvina; **BARROS**, Luís (2005) – Arqueologia no castelo da Aldeia Histórica de Castelo Novo (2002-2004): resultados preliminares. Castelo Novo: Câmara Municipal do Fundão.

SILVÉRIO, Silvina; **BARROS**, Luís; **TEIXEIRA**, André (2004) – Escavações arqueológicas no Castelo de Penamacor / Cimo da Vila: resultados da primeira campanha (2003). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7:2, coord. edit. António Marques de Faria; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 473-540).

SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e (1999) – A joalheria em Portugal: 1750-1825. Civilização Editora.

TORRES, Andreia Martins (2006) – Os complementos de vestuário exumados na escavação da Praça Luís de Camões: Do Palácio Marialva aos Casebres do Loreto. Trabalho realizado no âmbito na cadeira de Relatório Final, FCSH-UNL (policopiado).

VIANA, Abel (1961/62) – Notas várias: Circunstâncias habituais de exploração arqueológica em Portugal. Arquivo de Beja: Boletim, Estudos, Arquivo, vols. XVIII/XIX. Direcção José António da Silva; Beja (pp.89-211).

Bibliografia Online

Amuletos. *Um Objecto, uma História, Mês a Mês: Centro Interpretativo do Castelo de Montemor-o-Novo* (<http://www.cm-montemornovo.pt>)

Espólio Moderno. *Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide* (<http://www.cm-castelo-vide.pt>)

Obras raras da Biblioteca Joanina (<http://bibliotecajoanina.uc.pt>)

Pintadeiras de Pão. *Um Objecto, uma História, Mês a Mês: Centro Interpretativo do Castelo de Montemor-o-Novo* (<http://www.cm-montemornovo.pt>)